

\*Relatório sobre os acontecimentos que culminaram com o desarmamento do BART 6221/74 e saque do comboio que o transportava de LUSO para NOVA LISBOA.

## 1. ANTECEDENTES

### a) A MINHA CHEGADA A LUANDA

A minha chegada a Luanda, em trânsito para o Luso onde ia assumir o comando do BART 6221/74, verificou-se em 29 de Julho de 1975. Após os necessários contactos nas REP/QG onde me procurei inteirar da situação geral em ANGOLA e particularmente da situação político-militar no LUSO, apenas um facto concreto me foi dado concluir: que era urgente retirar o Batalhão daquela cidade e fazê-lo chegar a NOVA LISBOA.

Requisitada a minha passagem para o Luso, esta só se viria a efectivar no dia 3 de Agosto por a situação local não garantir a segurança dos aviões TAAG que por isso cancelaram os seus vôos para o Luso até àquela data.

### b) SITUAÇÃO DO BART 6221/74 À DATA DA MINHA CHEGADA

O BART 6221/74, sediado no Luso, encontrava-se aquartelado nas dependências da Base Aérea (1a e 3a. Carts), num quartel próximo do aeroporto, junto ao quartel das F.I. (CCS), estando a 2a. Companhia (2a. CART) aquartelada no centro da cidade, próximo ao edifício onde estava instalado o Comando do Batalhão (antigo Comando Militar do Luso)

As 1a, 2a e 3a. CARTS, embora com os efectivos reduzidos por motivo dos amparos, tinham os seus quadros de graduados sem faltas apreciáveis, não havendo sobre elas problemas de maior a referir. Já quanto à CCS notei de imediato graves problemas de carácter disciplinar que se poderiam agudizar se não fossem tomadas imediatas medidas preventivas.

As causas dessa situação situavam-se numa fraca actuação de Comando, pois o Comandante da Companhia, um Capitão de QSG, era uma pessoa doente que nessa altura regressava de licença de Portugal, cuja acção parece que nunca se fez sentir junto de pessoal e que nunca teve a devida ajuda do restante pessoal graduado da Comp. Este Oficial foi evacuado por motivo de saúde, dias depois, para Luanda.

A situação desta CCS obrigou pois a que o Comandante e o Oficial de operações do Batalhão, à falta de outros, desviassem parte das suas preocupações para a CCS.

Por sua vez, o Comandante do Batalhão quanto a oficiais, estava reduzido ao Comandante Interino, que era na altura o CAP. GUERREIRO, o Oficial de operações do Batalhão, e a um Tenente de QSG, que tinha a seu cargo a Sec. Transportes, que inteiramente o absentava.

O 2º Comandante do Bart, Major PESTANA, estava de licença em Portugal e o Major Machado, apresentou-se de licença na mesma data da minha apresentação, mas apenas por breves dias, pois logo a 06 AGO baixou ao HML sendo posteriormente evacuado para Portugal.

Duma maneira geral e tirando a CCS, o estado de disciplina do Batalhão não me impressionou mal, observando-se uma óptica actual e compatível com o que infelizmente se vê por toda e lade no nosso Exército.

Seb o ponto de vista operacional não tive ocasião de avaliar a sua preparação, e que agora posso dizer que não destoa do que, uma vez mais infelizmente, é timbre da generalidade das nossas unidades, muito fracas.

### c) SITUAÇÃO GERAL NO LUSO

#### (1) MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO

No Luso em 03 de Agosto, após os confrontos anteriores entre o MPLA e a FNLA, após os quais este Movimento foi finalmente forçado a abandonar a cidade, a situação continuou tensa

.../...  
ante a previsível confrontação entre a UNITA e o MPLA ambos desejosos de dominar uma posição de grande importância estratégica para as ambições daqueles dois movimentos, como é a da Capital do Moçico.

Previa-se que um confronto entre os dois movimentos fosse violento, prolongado e de desfecho indeciso.

Durante a minha permanência no Luso, cerca de duas semanas, esses Movimentos não deixaram de aumentar os seus efectivos e o seu potencial de combate.

O ambiente tornava-se dia a dia mais tenso, os boatos de uma confrontação iminente eram constantes e frequentes incidentes noturnos perturbavam a vida da população. O Comando, especialmente através do Capitão Guerreiro, o Oficial que na altura melhor conhecia os problemas e as pessoas, manteve-se em contacto quase permanente com os Movimentos, procurando informar-se e diligenciando dentro do possível, evitar confrontações. Sabia-se de antemão que era uma tarefa votada ao fracasso, pois não seria a nossa intervenção que evitaria o inevitável, mas tentou-se sempre o exaustivamente, pelo menos procurava-se ganhar tempo.

Resta acrescentar que durante a minha estadia no Luso, as relações entre as NT e os Movimentos se mantiveram sempre num ambiente de compreensão e respeito mútuos. O que mais nos surpreendeu pela atitude tomada dias depois.

## 2. O PROBLEMA POPULAÇÃO

A 03 de Agosto de 1975, num domingo, desembarquei no Luso. Nesse mesmo dia estabeleci os primeiros contactos com os Oficiais do Batalhão e logo, pela 1ª vez, me apercebi da existência dum problema de extrema acuidade, que nem sequer fora aflorado em Luanda e que durante os restantes 14 dias que permaneci no Luso não mais deixou de estar na primeira linha das minhas preocupações e que decisivamente condicionou a actuação do Batalhão durante todo o processo: Tratava-se do problema da população do Luso que certamente não deixaria de querer ser retirada logo que se anunciasse a saída do Batalhão.

Logo na terça-feira, dia 5, contactei o encarregado do Gov. do Distrito a quem, na presença do respectivo secretário e do Major Machado, expus a intenção das Autoridades Militares retirarem o Batalhão do Luso no mais curto prazo e da necessidade de fazer constar entre a população essa decisão e aconselhar ao mesmo tempo as Autoridades Administrativas a tomarem providências imediatas para fazer face à retirada das pessoas interessadas que certamente não deixariam de aparecer em número elevado.

No dia seguinte contactei comigo uma comissão de moradores que, intitulando-se representativa da população do Luso, dizia pretender organizar uma coluna aut. que tentaria atingir N. Lisboa, para o que dispunha de 2 máquinas niveladoras da Empresa Tecnil e pessoal especializado na reparação das estradas, e apenas pedindo escolta militar. Obtida nesse dia autorização do C.T.L.I.S., foi de imediato comunicado à referida comissão a decisão de dar escolta à coluna e que a mesma, dada a urgência da saída do Batalhão e da presença provocada pela tensão entre os Movimentos, deveria estar pronta a sair na sexta-feira dia 8.

Entretanto, na quinta-feira, dia 7, fui contactado por uma outra comissão à frente da qual se encontrava o secretário do Gov. Distrito a qual, negando representatividade à anterior, veio manifestar a estranheza da população do Luso pela súbita (para eles) decisão da retirada dos militares, não dando tempo às populações da região para evacuar os seus haveres ou no mínimo se concentrarem.

.../...  
11/11

Foi-lhes explicado o imperativo da ordem recebida motivada por razões de ordem político-militar prementes, ordem entretanto confirmada por rádio do CTLIS considerando "imperiosa e urgentíssima a retirada do Batalhão". Deste encontro ficou combinada uma reunião da população no Palácio do Comércio, para essa mesma noite, a fim de discutir a organização da coluna e marcar uma data para a sua saída.

Nessa reunião, que foi um triste espectáculo de ataques pessoais, ao Governo e ao Exército, uma perfeita demonstração dos mais baixos instintos humanos, de interesses pessoais mesquinhos a sobreporem-se ao colectivo e de declaradas opções partidárias, chegou-se ao despudor de acusar o Comandante do Batalhão de alarmista, pois, no dizer desses senhores, nada justificava a saída precipitada da população já que o clima de vivência entre os movimentos instalados na cidade não tornava a situação alarmante.

Como tudo se discutia e tudo se atacava sem deixar margem para discutir o que ali nos levava, os militares presentes retiraram-se, garantindo estar prontos a continuar a discussão mas apenas com uma comissão eleita pelos moradores e para o fim que ali nos levava: a organização duma coluna auto da população civil interessada em deixar a cidade com escolta militar.

Essa comissão que foi eleita nessa mesma reunião, contactou o Comandante do Batalhão no dia seguinte, tendo ficado assente a organização da coluna e a sua saída do Luso na madrugada do dia 12, numa terça-feira.

Essa coluna, que por intrigas e pressões e certamente promessas de vária ordem não chegou a ter a dimensão que se esperava, saiu efectivamente do Luso às 05H30 desse dia 12, integrando cerca de 200 viaturas e 300 pessoas, números que foram aumentando durante a viagem, sob escolta da 2ª. CART/BART, 6221/74.

### 3. O PROBLEMA ARMAMENTO

Entretanto e simultaneamente o Comando do Batalhão ia organizando a saída via CF dos restantes elementos do Batalhão.

Só então dei conta doutro problema gravíssimo para a retirada em paz do Batalhão e que era a existência, à sua guarda, de alguns milhares de armas e de toneladas de munições pertencentes à OPVECA, da Polícia e dos CF, material cobiçado pelos Mov. Libertação, em especial pela UNITA que já anteriormente à minha chegada assaltara uma arrecadação da CCS donde levava uma centena de armas (Mauser, na sua maioria).

Para além deste material fora deixado à responsabilidade do Batalhão algumas dezenas de sacos de fardamento que era destinado às Comp. Integradas que não se chegaram a formar, mat. de Aquartelamento da Força Aérea em estado impecável, caixotes de militares doutras unidades que passaram pelo Luso e que deixaram ao Batalhão o encargo e a responsabilidade do seu transporte, enfim, uma terrível sobrecarga para uma Unidade que era obrigada a retirar urgentemente sob a pressão de ordens superiores e de acontecimentos gravíssimos que de um dia para o outro poderiam pôr em causa a sua saída do Luso, a não ser recorrendo a grandes recursos.

Este problema das armas e munições e a cobiça que elas despertavam à UNITA foi exposto ao CTLIS e pedida protecção adequada ao comboio, inclusive de meios aéreos. O Comando do Batalhão nunca chegou a ter resposta a esta proposta. Pedi um avião para me deslocar a N. Lisboa, onde pretendia de viva voz expor todos os problemas que nos afligiam, pois os considerávamos de extrema gravidade, mas essa oportunidade foi-me negada.

Sem pretender atingir pessoas, seja-me permitido manifestar o meu profundo desgosto pelo abandono a que me senti votado como Comandante do Batalhão na breve estadia do Luso.

Não estou aqui a fazer a minha defesa, relato cronologicamente os acontecimentos, mas é-me impossível deixar de pôr uma nota de amargura pela forma, tão de animo leve, como foram encaradas superiormente os problemas do Batalhão

### 2. DESCRIÇÃO GERAL DOS ACONTECIMENTOS

#### a) A LUTA ENTRE O MPLA E A UNITA NO LUSO

No dia 15, às 19H20, quando faltava carregar a última viatura no comboio, o MPLA e a UNITA desencandearam o que há vários dias vinha sendo esperado, uma confrontação directa entre si, com forte tiroteio de armas ligeiras e pesadas. A zona principal dos combates localizou-se precisamente nas imediações da

estação C.F. onde se encontravam as principais organizações dos M.L. Para o Batalhão, já todo embarcado, foram momentos particularmente difíceis, pois a qualquer momento poderia ser vítima de disparos menos precisos e por outro lado não podia tomar qualquer iniciativa ou movimentar-se, pois não podia abandonar o material.

Os combates entre a UNITA e o MPLA continuaram pela noite dentro, intensificaram-se na manhã de sábado (16) e prolongaram-se mais ou menos intensamente até domingo de manhã, quando o MPLA começou a dominar a situação.

Conseguiu-se então, com muito esforço, reunir o pessoal do C.F. necessário à marcha do comboio.

Tivemos de pedir, dar ordens, ameaçar, vencer mil obstáculos e uma autentica resistência passiva de parte de alguns elementos do C.F. interessados em sair do LUSO, sim, mas só quando tivessem as suas coisas prontas e os seus carros embarcados, em manifestações do mais puro egoísmo e falta de carácter.

Entretanto, grande número de pessoas apavoradas, assediavam-nos com pedidos de transporte. Os casos mais urgentes eram atendidos, à maior parte não se podia valer, pois as duas carruagensostas à nossa disposição já há muito tinham a lotação excedida.

Poucas horas antes da saída do comboio, o Presidente da Câmara do Luso, dirigiu-se-me dizendo que tinha falar com o Comandante do Batalhão em nome da população do Luso e que o comboio não devia partir antes de serem evacuados todos os civis que desejassem sair do Luso. Enérgicamente fui-lhe respondido que já fora organizada uma coluna com protecção militar, que durante a semana tinham circulado comboios, que, enfim, a essa população foram dadas oportunidades, precárias embora, para sair do Luso. Tinham preferido ficar na expectativa, à espera do melhor, e só o terror e pavor provocado pela Guerra os insitara a querer sair precipitadamente, fazendo exigências que estavam para além da capacidade de resolução do Batalhão, até pela própria situação de insegurança e inoperacionalidade em que este se encontrava.

Pois o Sr. Presidente da Câmara chegou ao ponto de ameaçar colocar as crianças e a população à frente do comboio para impedir a sua saída!

Finalmente, cerca das 19H00 do dia 17, o comboio saiu do Luso, no meio de boatos de que a Unita recomposta e reforçada os seus efectivos marchava novamente sobre o Luso.

Era uma composição enorme, cerca de 50 vagões puxado por 2 máquinas, carregado de material de guerra e outro, transportando em duas carruagens e espalhadas pelos vagões para cima de 300 civis, na sua grande maioria mulheres e crianças.

#### b) A VIAGEM, O DESARMAMENTO DO PESSOAL E O SAQUE DO COMBOIO

Até à CHICALA, cerca de 2 horas de marcha, a viagem decorreu sem incidentes.

Na CHICALA o comboio interrompeu a marcha.

Passados momentos foi pedida a comparência de alguém do Comando do Batalhão para resolver qualquer problema que surgira. Pedi ao CAPITÃO GUERREIRO, of.op., já muito habituado a contactar com os M.L., que fosse ver o que se passava. Momentos depois o CAP. GUERREIRO pedia a minha comparência. Fui encontrá-lo junto do Comandante CHEWALE, da UNITA, o qual depois de me cumprimentar solicitou que o Batalhão lhe cedesse algumas munições. Respondi-lhe negativamente e justifiquei com a posição de neutralidade que o Governo Português optara e o Exército devia escrupulosamente cumprir. CHEWALE replicou que a tropa portuguesa tinha ajudado o MPLA no LUSO, o que veementemente neguei. Depois de mais alguns momentos de discussão sempre azeda e de conversa em que inclusivamente informamos o Comandante CHEWALE que dêramos abrigo ao Delegado da Unita no Luso, o qual viajava connosco no comboio sob disfarce e bem assim como as dois militares da Unita que também tinham pedido a nossa protecção, pareceu-nos que o CHEWALE (e ele assim o declarou) tinha compreendido e

aceite a nossa posição.

Na comissão nos despedimos dele e ~~entrevistamos~~ aguardando o recomeço da marcha. 2/11/77

Passados talvez uns 5 minutos, um dos Comandantes de Companhia veio nos avisar que o comboio estava impedido de recomeçar a marcha porque a tal se opunha um Major da UNITA junto à primeira máquina. Mandei o Cap. GUERREIRO esclarecer o assunto que considerei um mal entendido de somenos importância. Entretanto fui-me apercebendo da proximidade de vários elementos armados da UNITA, dum e doutro lado do comboio, os quais podiam provocar uma confrontação com os nossos soldados, já que alguns desses elementos, dando indícios de estarem fortemente drogados, tomaram atitudes provocadoras.

Resolvi tomar a iniciativa de eu próprio ir falar novamente com o Comandante CHEWALE. Junto ao edifício da estação encontrei o Cap. GUERREIRO que falava com o tal Major da UNITA que impedira a marcha do comboio. Quando perguntei o que se passava disse-me que queria ver as munições. Perguntei-lhe para que queria ele ver as munições "quero ver as munições" foi a resposta invariável desse elemento até que o Cap. Guerreiro lhe pôs a pergunta "você quer ver as munições ou quer as munições?". Ele então confessou que queria as munições. Respondi-lhe que o assunto já fora discutido com o superior dele, Comandante CHEWALE e que estava encerrado com a concordância desse seu superior hierárquico e pedi para o contactor novamente. Respondeu que o Comandante CHEWALE já ali não estava e que agora era ele quem dava ordens. E afastou-se abruptamente.

Procurando chegar a uma plataforma de entendimento, decidimos propor a entrega de algumas munições quando subitamente, sem nos dar tempo a apresentar essa proposta, nos vimos rodeados de algumas dezenas de indivíduos completamente drogados, que apontando-nos as suas armas e em atitudes de alucinados, exigiam as entregas das nossas. Perante o dilema e ainda na expectativa de entendimento, ordenei ao pouco pessoal que me rodeava que entregasse as suas armas, pois qualquer atitude mais irrefletida poderia provocar um massacre daquele pessoal.

Entretanto procurava chama-los à razão, <sup>mas</sup> já não me deixaram qualquer oportunidade.

Enquanto aqueles elementos sob a ameaça das armas que a qualquer momento podiam disparar, porque, repete-se, estavam completamente drogados ou embriagados, nos obrigaram a recolher ao edifício da estação, os outros elementos que rodeavam o comboio e que cada vez em maior número saíam da escuridão, ante a perplexidade dos nossos militares, assaltavam-os e exigiam-lhes as armas. Foi então que se ouviu um tiro, não se sabe disparado por quem, o que imediatamente provocou forte fuzilaria. Nas carruagens e nos vagões onde haviam mulheres e crianças imediatamente se estabeleceu o pânico. Um massacre poderia estar iminente não só entre a população civil como entre os nossos militares muitos dos quais já estavam desarmados e se não quisermos agora, neste momento e mais friamente, ser tão pessimistas, teremos de admitir no mínimo um número elevado de mortes, já que a nossa posição, dentro do comboio, era absolutamente vulnerável.

Decidi então debaixo do tiroteio tentar falar novamente com o já referido Major da UNITA. Saí do edifício e auxiliado por um militante da UNITA que encontrei, por ele me deixei conduzir. Encontrei-o junto dumas edificações rodeadas pelos seus homens que enquanto falava com ele e lhe dizia que era preciso acabar com o fogo, nunca deixaram de me apontar as suas armas e de me ameaçar de morte.

Conseguiu-se parar o fogo, mas não mais dialogar. O restante pessoal foi rapidamente desarmado e imediatamente uma multidão começou a saquear os vagões. Primeiro só as armas e munições, depois tudo o que apanhavam à mão e despertava a sua cobiça.

...//...  
Procurei novamente contactar com o Comandante CHEWALE o militante da Unita ainda me acompanhou até uma cerca, onde ao fundo, havia sinais de estar gente. Mandou-me esperar e não mais apareceu, até que empurrado e ameaçado tive que voltar para junto do comboio.

A meio da madrugada o comboio reiniciou a marcha, para ser detido novamente na estação seguinte: CANGUMBE.

O que restava de armas e munições foi descarregado, caixotes foram abertos, diziam que à procura de armas e sob o mesmo pretexto nem as bagagens pessoais escapavam. Os vagões com as viaturas foram desatrelados e desviados para um ramal. Sob o pretexto de que um furriel proprietário de uma viatura civil que vinha em cima de Berliet andara aos tiros no Luso contra a Unita, foi este indivíduo, sovado selvaticamente e arrastado para longe do comboio. Receando o pior fui ao encalço do grupo e quando me aproximei verberei o seu procedimento, fui também agredido a soco e pontapé, não tendo conseguido arrancar o Furriel das mãos dos seus agressores. Só pouco antes do comboio partir o referido furriel foi liberto em lastimoso estado físico.

Novamente procuramos contactar responsáveis de UNITA para fazer-lhes sentir a responsabilidade que sobre eles pesava pelo acto que estavam a praticar contra uma Unidade do Exército Português, mas esses dirigentes não se revelaram nunca. Só a turba, cega pela cobiça da pilagem e pela droga, nos enfrentava e ameaçava a qualquer protesto mais inérgico.

E foi assim no resto do percurso, com paragem em todas estações e apiadinhos, com mais buscas e ameaças, uma viagem alucinante que a todos traumatizou e marcou.

Pelas 9H00 de 19AGO75 o comboio chegou finalmente a Nova Lisboa, tendo imediatamente sido apresentado relato verbal mas forçosamente incompleto ao Comandante Interino do CTLIS do pesadelo porque acabava de passar o BARTS.6221/74.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retirada do BARTS.6221/74 do Luso foi pensada (?) e decidida sem ter em conta dois factores que considero determinantes na acção desenvolvida pela UNITA contra o Batalhão e na (não) actuação deste.

O carregamento de armas e munições que transportávamos era um isco demasiado precioso e aliciante para que o pudéssemos passear impunemente através de 600 Km, de Território controlado pela UNITA e onde este Movimento localiza as suas principais bases, sabendo-se como se devia saber, pelo menos aqueles que, pelas suas funções e tempo de serviço em Angola, melhor deviam conhecer o problema, a necessidade que este Movimento tinha de armas e munições e a cobiça que as mesmas lhes despertava.

Por outro lado, a população civil transportada, as condições em que esse transporte se processava, carruagens apinhadas e pessoas espalhadas pelos vagões juntamente com os militares, conjuntamente com a dispersão dos Militares por dezenas de vagões e ainda o facto dos acontecimentos se terem desenrolado de noite, o ter-se acreditado na palavra do Comandante CHEWALE, um indivíduo que pelas suas funções na UNITA nos merecia um mínimo de crédito e principalmente ter-se acreditado, que o Exército Português ainda merecia da parte dos Movimentos um mínimo de respeito e consideração (e este foi, no meu julgamento auto-crítico o meu grande erro) que de antemão tornaria inviável uma acção do género da desenvolvida. Todos estes factores explicam a ( não) actuação do BATALHÃO na emergência.

Se a UNITA estava, como os factos confirmaram, disposta a apoderar-se das armas e munições, qualquer tentativa violenta para o evitar-mos saldara-se-ia, não temos dúvidas, com muitos mortos e feridos, sem hipóteses de qualquer auxílio, que não foi previsto, em tempo útil, e de consequências mais que duvidosas quanto ao destino final da carga. Nas condições em que foi decidida, sem ter em consideração factores determinantes e que em absoluto exigiam o planeamento duma operação à escala superior (nunca a nível Batalhão), com os condicionalismos de toda a ordem e que procurei evidenciar ao longo do relatório, era uma operação condenada ao fracasso, a partir do momento em que um inimigo

...//...  
2A

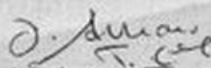
...////...  
( que se julgava não existir) a contrariasse decididamente.  
E foi isso que sucedeu: um "inimigo" de fraco valor militar,  
indisciplinado, drogado e inconsciente, mas por tudo isso  
altamente perigoso, decidiu apoderar-se do material transportado.  
O Batalhão, mal preparado sobre o ponto de vista operacional,  
com o pessoal desmotivado para qualquer género de acção violenta,  
em situação crítica dentro de um comboio em que viajavam muitos  
cívís, poderia mesmo assim, ter reagido, com os riscos que tal  
atitude envolveria. Não o fez. Ficará de pé para quem não esteve  
presente, a dúvida se não seria essa a decisão acertada. Para nós,  
não era.

**ANEXOS:**

1. MAT. GUERRA
  2. MAT. AQUARTELAMENTO
  3. ARTIGOS DE CANTINA
  4. RANCHO
- a. Víveres normais
- b. Víveres especiais (R/C)

Quartel em N. LISBOA, 19 DE AGOSTO DE 1975

O COMANDANTE



JOÃO MANUEL DE FARIA M. AMARO

TEN. COR. DE ARTS.